

Aula de Literatura Brasileira VI

5 de novembro de 2020

Prof. Jaime Ginzburg

A dark blue diagonal graphic element that starts from the bottom left corner and extends towards the top right corner, covering the lower half of the slide.

Livro:

“Você vai voltar pra mim e outros contos”

2014

“O VELÓRIO”

- Um pai, Antunes, quer fazer o enterro de seu filho
- Um padre, Gonçalves, não aceita realizar o ritual

Início do conto:

Um enterro especial requer um caixão especial.

O filho desapareceu durante a ditadura.

O enterro teria de ser realizado sem o seu corpo.

Início do conto:

Um enterro especial requer um caixão especial.

Singularidade da
situação:
ambiguidade entre
padrões de ritual e
especificidade do
caso do filho

Pai e filho

Semelhanças físicas
(olhos negros, cabelos
ondulados, queixo
saliente) - identificação

Diferença - tempo de
vida de Antunes - de 90
anos

Pai e filho

Pais evitam falar
sobre o assunto

Pai se tornou “um
homem seco e
calado”

Pai e filho

Morte de irmão mais velho do pai motiva a determinação em enterrar o filho

Situação extrema para o pai: a previsão da própria morte

O espaço narrativo

A inversão

Cidade “virou cidade
fantasma”

A religiosidade

Primeira parte:

Padre Gonçalves consulta o bispo

Decide não realizar o ritual - “missa de corpo presente ou de sétimo dia”

Segunda parte:

Padre Gonçalves pede silêncio e enuncia uma oração para os mortos

A política

Teixeira “chegou a ir para Brasília” para conversar com conhecidos, em busca do sobrinho desaparecido.

O prefeito Belisário, o delegado dr. Costa e Padre Gonçalves comparecem no velório e sinalizam respeito a Roberto.

A sociedade

“(…) pediram que nunca tocassem no assunto com as amigas, com os vizinhos, com ninguém”

“(…) todos os viventes da cidade estão no velório do Roberto”

Contradições

Significação do velório – entre privada e pública

Ritual – entre profano e sagrado, entre singular e codificado

Velório – tristeza e alegria (trilha musical)

A ditadura militar no Brasil

Preparação para o golpe militar - ao longo de anos, e principalmente desde 1962, durante o governo de João Goulart

1964 - Tomada do poder por militares.

Humberto Castelo Branco (1964)

Arthur de Costa e Silva (1967)

Emílio G. Médici (1969)

Ernesto Geisel (1974)

João Figueiredo (1979)

“Diretas já” - 1983 e 1984

Transição democrática - 1985

TAVARES,
Flávio. 1964. *O golpe*.
Porto Alegre:
L&PM, 2019.

“No clima da Guerra Fria, em que as duas superpotências disputavam a hegemonia mundial (...) os alcaguetes nacionais estavam também nas universidades ou centros científicos e alardavam o “perigo comunista” para prestar serviços à Embaixada dos EUA e à CIA.” (p.122)

“No Brasil, a chamada conjuntura mundial da Guerra Fria estimulava o atraso comportamental da sociedade.” [O país tinha iniciado uma modernização]”, mas “a visão escravocrata ainda era forte, ou até predominava. (...) Naqueles anos 1960, a dúvida e a desconfiança estavam, ainda, em todas as partes e em qualquer ato. Tudo o que rompesse a monotonia conservadora da sociedade era visto com espanto. Qualquer movimento social eriçava os ânimos(...)” (p.239)

FICO, Carlos. *O golpe de 1964*. São Paulo: Ed. FGV, 2014.

“Logo após o Golpe, inúmeras ações arbitrárias ocorreram, como prisões sem mandado, interrogatórios violentos e tortura” (p.59)

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm

Ato Institucional n.5 13 de dezembro de 1968

Artigo 4

O presidente “poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos ”

Artigo 5

“(…) III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;

IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

a) liberdade vigiada;

b) proibição de freqüentar determinados lugares;”

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm

Ato Institucional n.5 13 de dezembro de 1968

Artigo 6

O presidente “poderá mediante decreto, demitir, remover, aposentar”

“Art. 10 - Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social (...)

Art. 11 - Excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato institucional (...) bem como os respectivos efeitos.”

FINAZZI-AGRO, Ettore. (Des) memória e catástrofe. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 43, jan./jun. 2014. p.180.

Hoje, cinquenta anos depois, tudo parece ter voltado no álveo da História - todo o passado aparenta, então, se ter resumido numa listagem crua de fatos, num arquivo anônimo de nomes, silenciando, assim, centenas de histórias, apagando a memória viva das vítimas, limpando o sangue derramado, ocultando os corpos massacrados. Hoje, com efeito, parece que a violência e a repressão não estão mais na ordem do dia dos Estados ou ficam à margem na agenda dos governos, deixando espaço apenas para uma reconstrução "imparcial" do acontecido, para uma análise fria das causas e das consequências da ditadura. Hoje, de fato, aquilo que resta daquele ato brutal de supressão da democracia que foi realizado pelo golpe militar de 1964 é a contagem dos mortos e dos desaparecidos, sem levar em conta, senão de modo marginal, a dor procurada, o sofrimento daqueles que, inermes ou em armas, se opuseram a um Estado que fazia da exceção a sua regra.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA

São Paulo

A large, dark blue diagonal shape that starts from the bottom left corner and extends towards the top right corner, covering the lower half of the page.

DESAPARECIMENTO

Repressão política institucionalizada

Desaparecimento

Seqüestro de opositores políticos ao regime ditatorial, sem a possibilidade de qualquer dispositivo legal para salvar a vida das vítimas, identificar as práticas de tortura ou, em caso de assassinato, resgatar seus corpos. Estes atos de violência física envolviam a manipulação de informações e a prática de ocultação de cadáveres. A sede do DOI-Codi, na rua Tutóia em São Paulo, foi usada como aparelho de repressão para isolar os ativistas seqüestrados durante a ditadura militar.

VOLTAR



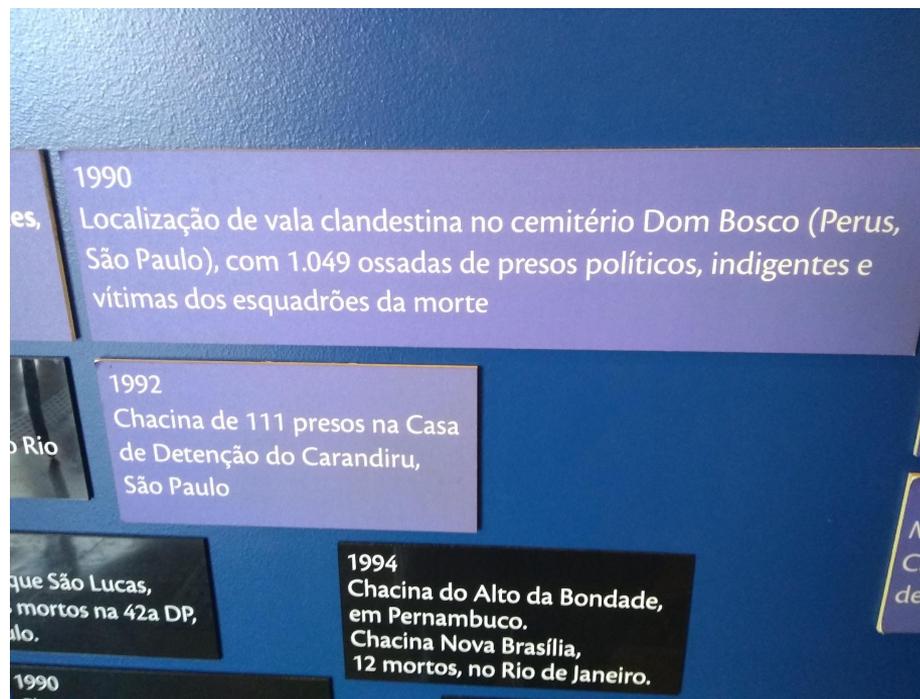
Passata de protesto e denúncia pelos mortos e desaparecidos durante a Ditadura Militar. São Paulo, 22/08/1980. Dossiê 20-S-COR1 DROPS/SP, APESP.



DESAPARECIMENTO

**Muitas continuam
desaparecidas até hoje
e outras morreram
em consequência
das torturas.**

1990 – 1.049 OSSADAS EM PERUS



Desaparecidos políticos no Brasil

Pesquisa
FAPESP



Montagem com rostos de mortos e desaparecidos

comissão nacional da verdade

Problema para reflexão

Narrativa literária no espaço
de disputas pela
compreensão do passado -
Espaço político dominado
por conservadorismo
autoritário

Final do conto: o corpo nunca foi encontrado

apressa o sepultamento. As pessoas começam a dispersar. Caem os primeiros pingos de chuva. O caixão está enterrado. Dentro dele estão um paletó e um par de sapatos do Roberto. Seu corpo nunca foi encontrado.

Enterro como extensão do desaparecimento.

Jeanne Marie Gagnebin – “O preço de uma reconciliação extorquida”

“Aqueles que não conseguimos enterrar, os *desaparecidos*, não são somente fonte de tristeza e de indignação porque não podemos lhes prestar uma última homenagem. Não sabemos como morreram nem onde estão seus restos – e isso nos impede, *a nós todos*, mesmo que especialmente a seus familiares e amigos, de poder viver melhor no presente.”
(p.185)

TELES, Edson & SAFATLE, Vladimir, orgs. *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010.

Tempo narrativo

Imagens fragmentárias do passado

Tempo linear nas etapas do velório

Música de Tónico e Tinoco

Articulações do tempo rompem com linearidade causal

Hipérboles : estilização de totalidades

esses anos todos

toda a turma de formandos

quase todas as noites

pela família toda

bem delas e de todos

pela casa toda

Hipérboles : estilização de totalidades

todos os viventes da cidade

toda a cidade compreendeu

toda a cidade

todos vocês

Todo-poderoso

Problemas de análise e interpretação do texto

“O velório” - conto sobre rastros

Imagens do passado são
fragmentos que apontam para
uma narrativa não contada sobre
Roberto

O que aconteceu não é
esclarecido

Rastros não produzem uma
totalidade de conhecimento

Freud, *Luto e melancolia* (1915, 1917)

- Reação diante da perda de um ser amado
- Diferenças entre luto e melancolia
- Luto leva a renunciar ao objeto
- Dificuldade, na melancolia, de discernir o objeto perdido

Freud, *Luto e melancolia* (1915, 1917)

- Perda da pessoa amada e perda de si
- Uma parte do sujeito critica outra, como se a tomasse por objeto
- Ruína: preferência do enfermo
- Ambivalência

Freud, *Luto e melancolia* (1915, 1917)

- Melancolia e mania; estados de exaltação e triunfo
- Fatos traumáticos ativam elementos reprimidos

Relações entre *Luto e melancolia* e “O velório”

A perda de um ser amado - o filho, Roberto

O enterro do filho, sem um corpo, é uma afirmação, ou uma tentativa de superação da dor?

Relações entre *Luto e melancolia* e “O velório”

Semelhanças entre pai e filho: a perda da pessoa amada como perda de si
A perspectiva da própria morte

Exaltação: o funeral como festa

Relações entre *Luto e melancolia* e “O velório”

Regime de ambivalência é extremo nesse conto:

O enterro sem um corpo.

O pai sem um filho.

“The effects of ritual”, Michael Argyle

- Integração social
- Comunicação não verbal
- Estabilização mental